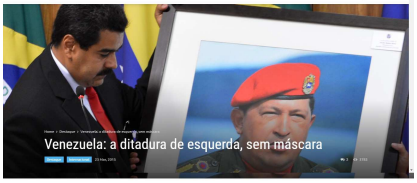

Venezuela: a ditadura de esquerda, sem máscara

Acabou a farsa: a Venezuela caminha para o caos económico e a resposta dos socialistas para a crise é a ditadura. Mais uma vez a esquerda radical mostra que a sua "liberdade" é conquistada à custa das liberdades dos outros.

Sessão solene no Assembleia Nacional da Venezuela, o parlamento fantoche daquele país latino-americano: os deputados do Partido Socialista Unido, seats servos do Chavismo, aprovam a Lei Habilitante "anti-imperialista" dando ao Presidente Nicolás Maduro o poder de governar por decreto, sem consultar o parlamento ou as tribunais. Já não há como esconder a "República Bolivariana" é apenas mais uma ditadura socialista como o que existe em Cuba.

Pensaria uma pessoa racional que a Lei Habilitante se destinaria a ajudar Maduro a pagar a economia da Venezuela à queda. Infelizmente no mundo da miséria, ou pelo menos a controlar o caos, nas ruas e a violência que aterroriza o povo. Mas não: Maduro exigiu estes poderes extraordinários para lidar com "a ameaça" dos Estados Unidos. Esta não é a primeira vez que o regime venezuelano usa bodes expiatórios para reforçar os seus poderes.

No discurso infantil e irresponsável dos "chavistas", a culpa dos seus inúmeros fracassos nunca recaíe em si ou nas suas políticas, mas sempre em terceiros. Segundo a retórica propagandística dos líderes supremos da Venezuela, trata-se agora de uma "guerra económica contra o povo", e que o regime "bolivariano" responde com a ditadura.

Este tipo de desvios ecos da corrupção é uma fezença dos velhos tempos do bloco soviético, quando havia sempre um "plano obscuro" da "capitalismo imperialista" que impedia a "parvoíce dos trabalhadores" de ter tornar realidade.

Na Alemanha de Leste, um cidadão tinha de esperar 10 anos para receber um carro, e sempre que se perguntava (em surdina, claro) porque é que os acidentes tinham sempre nomes, estrangeiro na fonte, que custavam metade do preço, a resposta oficial era sempre a mesmas: havia sabotadores a impedir a "tarefa de produção".

Quando confrontado com a escassez de quase todos os bens essenciais nas lojas, Maduro não reconhecera a ideia, que a responsabilidade só podia ser assacada à sua péssima política macroeconómica, e atacou os "sabotadores económicos". A campanha de "marketing para "mobilização das massas" ao pior estilo pseudo-panteístico, tentava um filme de acção de má qualidade de Hollywood, com os milhares venezuelanos em cima de carros de combate, espingarda de assalto em punho, a fazerem piando em frente às lojas, vede não deliverem os donos errado.

Maduro decidiu então expropriar, com pompa e circunstância socialista, os supermercados. O resultado desta política? O que antes era alguma escassez tornou-se vazio ausência total de tudo.

Burocracia sufocante

Um fabricante de massas alimentares comeu a uma rádio norte-americana como funciona o processo burocrático para se produzir seja o que for. Para começar, metade da produção tem que ser vendida aos "cabazes" a um preço fixado pelo Estado. Como os preços não podem ser actualizados a tempo por causa da inflação galopante, não é raro os produtores terem de vender com prejuízo.

Caso a matéria-prima de um determinado produto não exista no país, então está a cabo entornado: a empresária privada tem de pedir autorização de importação a 19 ministérios diferentes, muitos dos quais com responsabilidades que se sobrepõem.

Como é comum nos sistemas socialistas, a corrupção é generalizada, não espantando ninguém quando se descobriu, grupo ao escândalo "emissários", que havia mais venezuelanos do que norte-americanos com contas bancárias secretas na Suíça. Aliás, o antigo governo-sosias de Chávez, que depois se tornou ministro das Finanças, vive hoje na Flórida, rodeado de luxo, enquanto o "seu" povo passa fome. Hoperbólicas "sanções" nem dão, vítimas no caso.

Maduro pertence ao núcleo duro da oligarquia socialista e sabe que, se liberalizar a economia, ou se começar a combater a corrupção, será derrubado. Logo, a tactica é gritar mais alto, inventar inimigos e esperar que a situação melhore antes que os venezuelanos se fartem de ver duas "bolivarianas".

Caos económico

A lista de produtos ccorrentes que as venezuelanos não encontram nas lojas inclui já papel higiénico, pasta e escova de dentes, fraldas, produtos de higiene feminina, carne, ovos, papel, pilhas, queijo, leite, vinho, cerveja, refrigeradas, aspirinas, azeite, óleo de cozinhar, massa ...

Aliás, seria mais fácil enumerar o que de facto se pode comprar na Venezuela. Até há pouco, ainda era possível adquirir gasolina a preço de desconto. Mas até os combustíveis foram racionados, porque muitos venezuelanos, em desespero, começaram a vender gasolina na fronteira em troca de bens essenciais.

O problema, aliás, reside exactamente no petróleo. Nos tempos "fauvistas" de Chávez, o governo podia comprometer a sua toucuta com o dinheiro da venda deste recurso, do qual a Venezuela é uns dos maiores produtores mundiais. Desde 2011 que o valor do petróleo no mercado internacional, chegando a superar os 120 dólares por barril. Mas à data de facto data edição o valor do petróleo desceu já aos 44 dólares, e a perspectiva é de continuar em queda.

As exportações foram cortadas em 80%, e o país, tal como outros petro-impérios como Angola, vio-se sobrivamente sem reservas de divisões "a sério", moeda forte exerte pelos penetras comerciais. A maioria das empresas internacionais tem dificuldade em aceitar o 'bolívar-fuerte', cujo valor cai de dia para dia.

Regresso ao passado

A cena parece saída da URSS: os venezuelanos têm de esperar horas intermináveis em filas, à espera de mais uma distribuição de alimentos. As explicações oficiais são caricatas. O presidente do Instituto Nacional de Estatística (um órgão completamente politizado, sem qualquer credibilidade técnica) chegou, num momento digno dos "Monty Pythan", a afirmar que a comida escasseava porque "as pessoas comem demais, às vezes três e quatro vezes por dia".

E, no entanto, crianças desmaiam todos os dias nas escolas por falta de alimento, a fome assola a Venezuela.

A esperar nas filas é desesperante e de uma flagrante desumanidade. Uma mulher grávida perdeu a filha por ter ficado quase um dia inteiro de pé, ao sol. Não são poucos os idosos que morrem nas filas à espera de poderem comer alguma coisa, outros ficaram por os medicamentos de que precisam não estarem disponíveis. Enquanto os serviços funerários não os vêm buscar, as pessoas continuam em espera na fila, ao sabo dos caídos, uma cena que lembra a Unrião soviética, onde as pessoas continuavam a vez dia-e-dia ao lado de corpos nas ruas. A fome humilhante sempre fiz amiga dos regimes corruptos.

A resposta de Maduro foi novamente lógica: racionamento, mas racionamento "high tech", com um sistema de identificação com leitor de impressão digital, como existe nos supermercados mais modernos. Como seria de esperar, o sistema não funciona e custou ainda mais dinheiro, pois avaria constantemente e não existem técnicos suficientes para o consertar. Quem sabe se o sistema não foi concebido pelos consumidores "Magalhães" que a Venezuela comprou e nunca pagou ao Estado português.

No mercado negro, tudo se vende a preços mirabolantes, desde a limeira procura: um pacote de açúcar pode chegar ao equivalente a 300 euros, ou mais, e papel higiénico é com demais para a história. Os jornais têm esgotado nas bancas, mas suspeita-se que não têm sido lidos...

Quem tem medo da oposição?

Estão marcadas eleições legislativas para 6 de Dezembro, o que indica que o partido reinante não teria especialmente para as vencer, caso as disposasse de forma livre.

A oposição, desta vez, está reunida em volta da coligação "Mesa de la Unidad Democrática" em vez de fragmentada como em outras anos. Caso não consiga vencer uma maioria no parlamento, o falaro de Maduro está decidido, visto que esta assembleia pode exigir eleições presidenciais antecipadas, que Maduro não conseguirá vencer.

Essas eleições, no entanto, poderão não ter efeito, pois Maduro dispõe vastos poderes, lá em 2014, depois de onda de revoltas que abalou o país, Maduro deu ordens para prender vários líderes da oposição, até mesmo figuras que não se envolveram nos protestos violentos. Leopoldo López, o líder do partido Vontade Popular, foi uma dessa vítimas, condenado a 13 anos de prisão. Mas o líder da oposição está detido numa prisão militar, condenado a 13 anos no calabouço por um tribunal fantoche. Caso Maduro consiga a sua amnesia de dia um "golpe" para proteger as "conquistas" da sua pseudo-revolução, não tardará que as prisões do país voltem a ficar cheias com os dissidentes do regime, que, segundo a retórica local, são "agentes infiltrados do regime yankee". E, por isso, a Lata continua, esperando que dia 6 seja o final desta época negra na história da Venezuela.

TWITTER FACEBOOK GOOGLE +

« PREVIOUS ARTICLE
Dois ministros-sa perdem seu federalistas europeus

NEXT ARTICLE »
Socialmo, o querido líder

Jornal O DIABO

SIMILAR ARTICLES

Brexit: Sair, sim, e quanto mais cedo melhor

Quando Costa só queria alterações fiscais uma vez por legislatura...

2 Comments Jornal Diabo Login
Recommend Share Sort by Oldest
Join the discussion...
Reply Share
Reply Share
ALSO ON JORNAL DIABO
Será Portugal um País com futuro?
A Mara, o que é de Mara e a Deusa o que é de Deusa
Lanadinhos e escutas para combater a Uber
Como não ser os termos do resgate da Finlândia?
Subscribe Add Disqus to your site Privacy
DISQUS

o Diabo

O DIABO é um jornal político independente dedicado à reflexão política, promovendo a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa e a defesa livre desde 1976.

Contact us: geral@jornaldiabo.com

Muito obrigado

A equipa d'O DIABO

MAIS RECENTE

Edição de 27 de Setembro de 2016
Brexit: Sair, sim, e quanto mais cedo melhor
Quando Costa só queria alterações fiscais uma vez por legislatura...
E nó vago da política portuguesa
A caminho do socialismo para e duro

ARTIGOS MAIS POPULARES

Vale é um assalto – Filha de Camilo Mortágua no Parlamento
Finlândia: Votar ser a Política contra a Pobreza
Angola, ontem e hoje
Quando a economia portuguesa cresceu 10% ao ano
A tragédia esquecida da descolonização
Não há voluntários para a tropa
Viste bolas? Viva, pelo!